

Entre fluxos de águas e giros de bicicletas: o uso do território no Festival do Camarão de Afuá, no Arquipélago do Marajó

Matheus Oliveira Martins da Silva*

RESUMO:

A pesquisa investiga o modo de vida em Afuá, Pará, no Arquipélago do Marajó, a partir da perspectiva do território usado, enfatizando como as relações entre o regime das águas, o agrário-urbano e as práticas culturais se articulam na realização do Festival do Camarão, que, em 2024, completou quatro décadas. As atividades econômicas predominantes, como a pesca artesanal e o extrativismo vegetal, entrelaçam-se às dinâmicas culturais e turísticas, configurando-se como elementos fundamentais para a reprodução social e o dinamismo econômico regional. A análise fundamenta-se no uso do território, permitindo compreender como a identidade afuaense é constituída a partir do cotidiano. O Festival do Camarão emerge como instrumento de valorização cultural, expressando o pertencimento ao lugar e a capacidade da comunidade de ressignificar suas práticas diante das transformações impostas pelo turismo e pelo mercado. Contudo, o estudo evidencia contradições, especialmente quanto à preservação da autenticidade cultural frente a pressões externas e à disputa sobre os conteúdos simbólicos do evento. Esses elementos demonstram que o festival é, simultaneamente, ato de resistência cultural e de negociação com as forças que reconfiguram o uso do território amazônico, dada a complexidade das relações entre desenvolvimento econômico, preservação cultural e construção identitária.

Palavras-chave: Veneza Marajoara; cidade das bicicletas; Amazônia; arquipélago do Marajó; festival do camarão.

* Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, UEL, Brasil. Bolsista de Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Código de Financiamento 001. Geógrafo.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9023-158X>

E-mail: oliveiramartins.matheus@gmail.com

Between Water Flows and Bicycle Rides: The Use of Territory in the Shrimp Festival of Afuá, in the Marajó Archipelago

ABSTRACT:

The research investigates the way of life in Afuá, Pará, located in the Marajó Archipelago, from the perspective of the used territory. It emphasizes how the relationships between the water regime, the agrarian-urban dynamics, and cultural practices intertwine in the realization of the Shrimp Festival, which in 2024 celebrated four decades of existence. The predominant economic activities, such as artisanal fishing and plant extractivism, are intertwined with cultural and tourist dynamics, constituting fundamental elements for social reproduction and regional economic dynamism. The analysis is grounded in the concept of territory use, allowing for an understanding of how Afuá's identity is built through everyday life. The Shrimp Festival emerges as an instrument of cultural appreciation, expressing a sense of belonging and the community's capacity to reinterpret its practices in the face of transformations brought about by tourism and market forces. However, the study reveals contradictions, particularly regarding the preservation of cultural authenticity amid external pressures and disputes over the event's symbolic content. These elements demonstrate that the festival is simultaneously an act of cultural resistance and negotiation with the forces that reshape the use of the Amazonian territory, given the complexity of the relationships between economic development, cultural preservation, and identity construction.

Keywords: Marajoara Venice; city of bicycles; Amazon; Marajó archipelago; shrimp festival.

Introdução

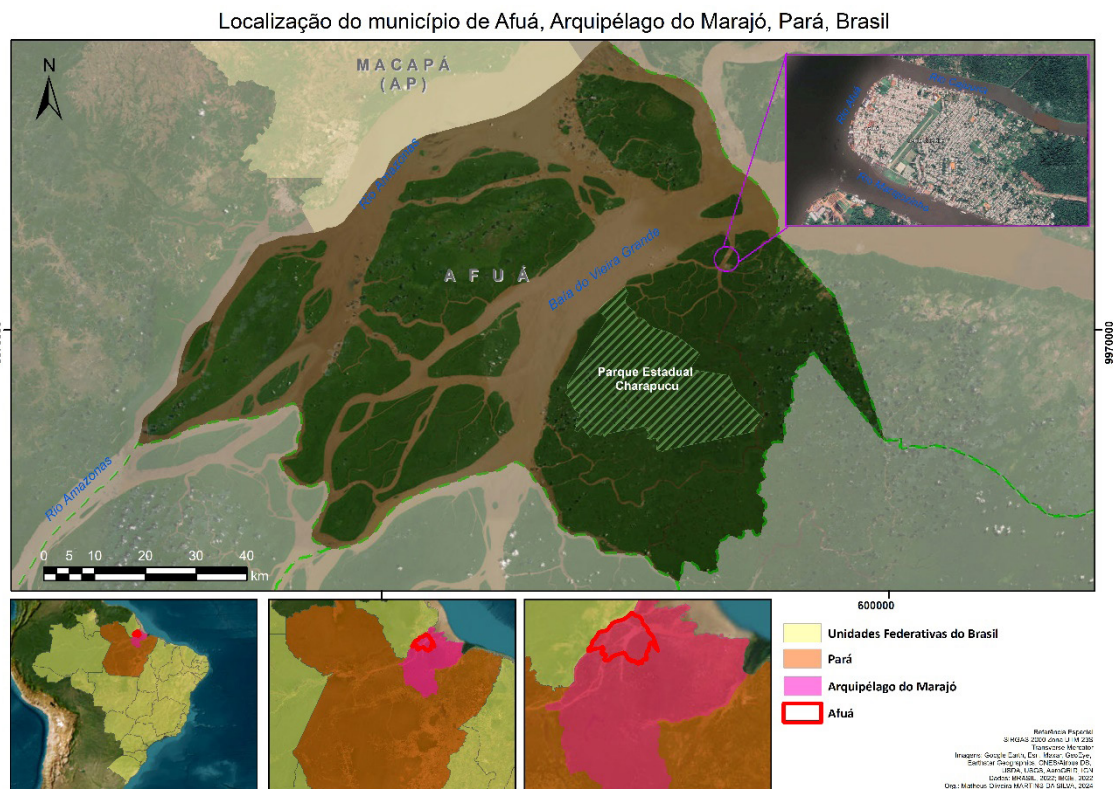
A presente pesquisa analisou a dinâmica do modo de vida da população do município de Afuá, localizado no Arquipélago do Marajó, no estado do Pará (Figura 1) a partir de elementos da questão da terra, o agrário e os conflitos, a partir da produção em uma íntima relação sociedade-natureza, típica das comunidades amazônicas, cujas relações se estabeleciam entre a água e a terra. Além disso, buscou-se compreender como essas interações estão presentes no cotidiano. Por fim, averiguou-se o papel do Festival do Camarão, festejo popular que completou quatro décadas em 2024. Para a análise empírica, adotaram-se procedimentos qualitativos, incluindo revisão bibliográfica, observação direta e registros fotográficos, além da análise de documentos oficiais e dados secundários.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a categoria analítica central que orienta esta pesquisa é território usado, conforme proposto por Milton Santos (1999), entendi-

do como síntese das relações entre técnica, tempo, normas e práticas sociais. A partir dessa perspectiva, articulam-se dimensões como lugar e turismo, fundamentais para compreender o caráter relacional do agrário-urbano no modo de vida cotidiano da população afuaense, em sua materialidade espaço-temporal, com seus limites e desafios. A pesquisa também avança na análise dos discursos produzidos por diferentes agentes e em distintas escalas territoriais – amazônica e extra-amazônica – que incidem sobre a região. Destaca-se, ainda, que a própria designação “Amazônia” convoca múltiplas possibilidades de reflexão política, social e ambiental.

A Amazônia, como espaço geográfico, é secular, ou mesmo milenar. No entanto, para esta pesquisa, considera-se que o conceito de Amazônia Legal foi criado na década de 1950, por meio da Lei nº 1.806, de 6 de janeiro de 1953, com a finalidade de facilitar o planejamento territorial da região, relacionando-se, portanto, à divisão política do uso território e não apenas à questão do meio natural. De outro modo, o termo Pan-Amazônia é utilizado para tratar a Amazônia de forma ampla, abrangendo o território sul-americano que envolve outros países que possuem parte do bioma amazônico, onde se encontra o município de Afuá.

Figura 1 – Localização do município de Afuá, estado do Pará, Brasil



Fonte: O autor (2024)

Segundo os dados do Censo Populacional de 2022, a população de Afuá totaliza 37.765 habitantes, distribuídos em uma extensão territorial de 8.338,44 km² (IBGE, 2022). Afuá caracteriza-se pela presença de vegetação costeira, típica da região do delta do rio Amazonas, destacando-se várzeas e igapós como formas predominantes. Além disso, o município abriga o Parque Estadual Charapucu, uma unidade de conservação estadual que ocupa uma área de aproximadamente 65 mil hectares, destinada à preservação da natureza.

O acesso à cidade de Afuá é caracterizado por uma combinação de meios de transporte terrestre, fluvial e aéreo. Devido à sua localização em um arquipélago no delta do Rio Amazonas, Afuá não possui estradas que a conectem diretamente ao continente. Assim, o deslocamento ocorre, predominantemente, por via fluvial, por meio de barcos e balsas que partem de cidades próximas, como Breves e Belém (PA), e Macapá (AP). Devido à sua proximidade com a capital do estado do Amapá, distante aproximadamente 90 km, o município sofre influência direta deste Estado, sendo acessível por vias fluviais que demandam cerca de quatro horas de viagem de barco ou duas horas em lanchas rápidas com capacidade para até 200 passageiros. O município conta ainda com um pequeno aeroporto que recebe aeronaves de pequeno porte, especialmente durante o período do Festival do Camarão, quando a demanda por transporte aumenta significativamente.

Conhecida como “Veneza Marajoara”, a cidade ergue-se sobre as águas, gradualmente sobre o terreno de várzea, constituindo uma notável construção em palafitas. Em virtude dessa peculiaridade, a circulação de veículos automotores é proibida, conferindo-lhe uma paisagem marcada pelo uso intenso de bicicletas. Esse meio de transporte, além de atender às necessidades de deslocamento da população, tornou-se parte da identidade local, razão pela qual Afuá também é amplamente reconhecida como a “cidade das bicicletas”.

As atividades econômicas preponderantes em Afuá estão centradas na pesca e no extrativismo vegetal, com destaque para a extração do palmito, de madeiras e do açaí. Além disso, a pesca e a comercialização do camarão desempenham papel significativo na economia local. Observa-se, contudo, uma transformação significativa ao longo das últimas décadas. Essas mudanças não ocorrem isoladamente, mas resultam de interações complexas entre forças econômicas, sociais e ambientais. A produção de alimentícios, por exemplo, sofreu uma queda drástica, passando de 71.306 toneladas em 1986 para 10.679 toneladas em 2022, refletindo a reconfiguração das práticas agrícolas e econômicas locais.

Em contrapartida, a produção de açaí aumentou substancialmente, de 806 toneladas em 1986 para 10.569 toneladas em 2022. O palmito, que em 1986 registrava 70.500 toneladas, apresentou redução expressiva para 110 toneladas em 2022, declínio atribuído à exploração excessiva e à implementação de políticas ambientais (Martins da Silva; Fraga, 2025). Essas atividades, aliadas ao Festival do Camarão – que atrai anualmente entre 40 e 50 mil visitantes para o município e ocorre no último fim de semana de julho, com duração de quatro dias –, contribuem para o fortalecimento do potencial turístico e econômico da região do Arquipélago do Marajó (Evangelista, 2020).

Território usado: onde a natureza se faz trabalho e cultura

Para Milton Santos (1999), o território não é apenas a soma dos sistemas naturais e artificiais, nem se limita à área física. O território deve ser entendido como o chão mais a identidade, pois é o sentimento de pertencimento que o torna significativo. É no território usado que se fundamentam o trabalho, as trocas materiais e espirituais, o lugar de residência e o exercício da vida cotidiana. Para a Geografia e outras disciplinas históricas, não é o território em si que se apresenta como categoria analítica, mas o território usado, pois é nele que se manifestam as práticas sociais, econômicas e culturais que dão sentido ao espaço. Assim, Afuá é interpretada não apenas como um recorte espacial, mas como território vivido, apropriado e constantemente ressignificado por seus habitantes.

A partir dessa compreensão, observa-se que Afuá é marcada por interações complexas entre sociedade e natureza, em que práticas tradicionais, fluxos econômicos e representações culturais se entrelaçam. Fraga (2017) amplia essa análise ao enfatizar que o território ultrapassa a materialidade, incorporando relações de poder e identidades culturais.

No contexto amazônico, essas relações tornam-se ainda mais complexas devido aos históricos conflitos fundiários, à sobreposição de jurisdições e à atuação de diferentes escalas de poder. Ribeiro (2025) demonstra que a desordem fundiária na Amazônia tem raízes na federalização das terras devolutas e na concentração de sua gestão pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o que consolidou uma relação indissociável entre Estado, capital e organização territorial. Essa configuração, marcada por disputas e assimetrias, influencia diretamente o modo de vida das populações e a dinâmica socioeconômica de municípios como Afuá.

Inserido nessa realidade, o turismo se apresenta como atividade que dialoga com as territorialidades existentes, ao mesmo tempo em que introduz novas lógicas e dinâmicas. Figueiredo (1999) observa que o termo “Amazônia” carrega um forte apelo mercadológico, utilizado para atrair turistas em busca do exotismo e da biodiversidade. Entretanto, quando guiado apenas por interesses comerciais, o turismo tende a transformar paisagens em produtos, destituindo-as de significado cultural (Rodrigues, 2001). Em Afuá, o turismo assume contornos singulares, profundamente relacionados ao cotidiano ribeirinho e às práticas locais, como evidencia o Festival do Camarão, que há quatro décadas congrega elementos culturais, ambientais e econômicos, reforçando a identidade afuaense e projetando o município para além do Arquipélago do Marajó.

Para compreender tais dinâmicas, é essencial considerar a dimensão da localidade e sua percepção. Essa distinção é crucial para entender as diferentes percepções entre visitantes e moradores: enquanto os turistas avaliam Afuá sob um olhar estético, os habitantes vivenciam o uso do território como extensão de sua história e identidade. Yazigi (2001) e Moscovici (2005) reforçam que paisagens e representações sociais contribuem para a construção dessas identidades, mostrando que o território é usado por práticas e sentidos atribuídos pelos sujeitos. Para Milton Santos (1989), o lugar deve ser compreendido de forma distinta da localização. Enquanto o lugar corresponde a um objeto ou conjunto de objetos que pode se manter constante, a localização expressa a convergência de forças sociais em permanente transformação, de modo que os significados atribuídos ao lugar se modificam continuamente em função das dinâmicas sociais que nele incidem.

No caso de Afuá, as experiências não se restringem à observação paisagística; envolvem o ritmo das águas, o uso das bicicletas, o contato com a natureza e as práticas culturais, elementos que diferenciam a vivência dos moradores da experiência turística. Esses aspectos perceptivos evocam a reflexão de como o território usado, impregnado de identidades, conflitos e memórias, constitui-se em base para compreender o modo de vida local e as relações entre turismo, cultura e natureza.

O arquipélago em festa com o regime das águas

O uso do território afuaense é marcado por uma relação singular entre sociedade e natureza, onde o cotidiano se constrói em diálogo constante com o regime das águas e sua materialidade. Afuá não é apenas uma cidade ribeirinha; é um território no qual se entrelaçam práticas de trabalho, cultura e identidade. A cidade erguida sobre palafitas,

e a circulação por bicicletas e bicitáxis, traduzem a forma como a população organiza sua vida, ressignificando o ambiente amazônico.

A atividade turística na ilha começou a ser desenvolvida oficialmente na década de 1970, como parte de políticas públicas voltadas para o incentivo do turismo no estado do Pará. Apesar de incipiente, essa atividade passou a ganhar maior visibilidade com a realização de festas e celebrações tradicionais, destacando-se a Festividade de São Sebastião, em Cachoeira do Arari, e o Festival do Camarão, em Afuá (Gomes; Conceição; Seabra, 2010). Esses eventos transformaram-se em momentos-chave de apropriação territorial, nos quais o uso do território passa a atender demandas externas, sem perder a marca da cultura local.

Ao se analisar o Festival do Camarão, compreende-se que ele se insere na dinâmica do patrimônio cultural municipal, constituído pelas obras, atividades e realizações dos habitantes de Afuá. Para que esse patrimônio seja reconhecido como símbolo identitário, é necessário que seja construído e legitimado pela própria comunidade, criando vínculos afetivos com a localidade e, ao mesmo tempo, possibilitando sua utilização como atrativo turístico. Barreto (2000) define o turismo cultural como aquele cujo principal atrativo são os bens materiais e imateriais produzidos pela sociedade, e não a natureza. No caso de Afuá, a cultura local não pode ser dissociada da natureza, pois ela é resultado direto da interação entre o regime das águas, as terras e os ares, formando uma localidade híbrida, no qual elementos urbanos e rurais coexistem.

Segundo Gomes, Conceição e Seabra (2010), Afuá impõe aos seus habitantes um modo de vida peculiar, distinto daquele encontrado em outros centros urbanos. Essa peculiaridade decorre da interação constante com o rio e a floresta, que ainda são fontes de subsistência para grande parte da população. O modo de vida afuaense é, portanto, inseparável das condições geográficas que o sustentam, o que explica porque o uso do território é vivido de maneira tão singular. Essa configuração confere à cidade uma proteção relativa contra problemas típicos das grandes cidades, ao mesmo tempo em que reforça uma identidade local profundamente vinculada à natureza.

O Festival do Camarão, criado em 1983, tornou-se um marco cultural e econômico para Afuá. Mais do que uma festividade, ele é um momento de reorganização territorial, no qual a cidade se transforma para receber milhares de visitantes. Para os moradores, o evento representa uma oportunidade de geração de renda, mas também um momento de encontro, no qual famílias e amigos se reúnem. A territorialidade expressa na festa reflete-se na hospitalidade local, na ornamentação dos ambientes e na reafirmação dos símbolos que marcam a identidade do povo afuaense.

Durante o festival, a cidade é ressignificada. A área pública designada para a festividade, conhecida como “camaródromo”, torna-se o centro das atividades, recebendo apresentações culturais, disputas simbólicas e a presença de visitantes de várias partes do Brasil e do exterior (figuras 2 e 3). Nesse período, Afuá experimenta um uso intensivo de seu território, evidenciado pela circulação de embarcações, aeronaves de pequeno porte e pela adaptação das residências, que muitas vezes são alugadas para turistas. Essa mobilização reforça a capacidade da população local de transformar seu uso do território de acordo com as demandas do evento, sem abrir mão de sua identidade.

Figura 2 - Rampa do santa Inês, em Macapá.



Fonte: Abreu (2016).

Figura 3 - Barcos rumo ao festival.



Fonte: Abreu (2016).

Entre as atrações, destaca-se a Biciata, desfile de bicicletas e bicitáxis ornamentados, que celebra o papel central desse meio de transporte na vida cotidiana da cidade. O bicitáxi (figuras 4 e 5), em particular, ganhou *status* de patrimônio cultural, não apenas por sua funcionalidade, mas por sua capacidade de expressar a criatividade e o orgulho local.

Figura 4 – Bicitáxi em Afuá



Foto de: Martins da Silva (2022).

Figura 5 – Biciata no Festival do Camarão de 2024



Fonte: Dias (2024).

Evangelista (2020) destaca que o bicitáxi passou por um processo de recriação popular, sendo constantemente transformado em sua estrutura, cores e usos sociais. Du-

rante o festival, ele deixa de ser apenas um meio de transporte para se tornar uma obra de arte em movimento, carregando significados culturais e simbólicos.

A Biciata configura-se como um momento de celebração coletiva, no qual moradores e visitantes se engajam ativamente na produção estética das bicicletas e bicitáxis. O ato de ornamentar os veículos envolve a mobilização de saberes manuais, referências culturais locais e elementos da paisagem amazônica, como o uso de flores, fibras, tecidos coloridos e pintura artesanal. Mais do que um simples desfile, trata-se de uma performance comunitária que reafirma a centralidade da bicicleta no uso do território de Afuá.

Enquanto manifestação cultural, a Biciata também atua como mecanismo de construção e reafirmação identitária. A cada edição, o evento renova símbolos e narrativas que fortalecem o sentimento de pertencimento dos afuaenses, ao mesmo tempo em que apresenta ao público externo uma estética própria, distinta de outras festividades amazônicas. A interação entre os participantes e os espectadores cria um ambiente de troca simbólica, no qual a ornamentação das bicicletas transcende a função decorativa e se transforma em linguagem visual capaz de transmitir histórias, memórias e valores dos modos de vida amazônicos.

Batalha Camaroeira, Lendas e Conflitos no Uso do Território

No contexto do Festival do Camarão, a Batalha Camaroeira ocupa um papel central como expressão da cultura e do território usado em Afuá. Esse evento, criado pelo Secretário de Cultura Raimundo Carmo de Souza Chagas, conhecido como Piska, há cerca de 11 anos, surgiu para preencher uma lacuna nas celebrações, que até então se limitavam a apresentações musicais. A batalha representa um embate simbólico entre dois camarões, o Pavulagem (vermelho) e o Convencido (verde), cada um associado a diferentes aspectos da cultura local. No Camaródromo, às margens do rio, esses personagens ganham vida em apresentações que misturam música, dança, teatralidade e referências ao cotidiano ribeirinho, consolidando-se como um dos pontos altos do festival (Silva; Borges; Oliveira, 2016).

Figura 5 – Camarão Pavulagem.



Fonte: Furtado ([2015/2016]).

Figura 6 – Camarão Convencido



Fonte: Furtado ([2015/2016]).

A ornamentação artesanal utilizada nas apresentações reflete o universo vivido pelos afaenses, incorporando elementos como canoas, redes de pesca, palafitas e imagens do caboclo ribeirinho. Essa estética, que nasce da vida cotidiana, é transformada em espetáculo, reafirmando a identidade local diante de um público que inclui turistas e moradores. É nesse movimento que se demonstra a noção de território usado de Milton Santos, pois a festa não apenas ocupa uma área física, mas atualiza identidades, relações sociais e conflitos.

Segundo Silva, Borges e Oliveira (2016), os primeiros anos da Batalha Camaroeira foram marcados pela alternância de vitórias entre os dois camarões, com destaque para o Convencido, que manteve a hegemonia entre 2009 e 2012, e novamente em 2014. A ausência do evento em 2013, causada pela falta de apoio institucional, e sua interrupção em 2015 e 2016, por escassez de recursos financeiros, demonstram como as disputas políticas e a fragilidade das políticas culturais impactaram diretamente na realização do festival. Mesmo assim, a Batalha continuou a ser amplamente divulgada, tornando-se um símbolo do patrimônio imaterial da região.

Atualmente, o Camarão Convencido é reconhecido como Patrimônio Imaterial do Pará, enquanto a agremiação do Camarão Pavulagem enfrenta dificuldades burocráticas para obter o mesmo reconhecimento.

A Batalha Camaroeira também é permeada por lendas e mitos amazônicos, que conferem ao espetáculo uma dimensão mágica. Entre os personagens retratados, destacam-se as sereias encantadas, pescadores que dialogam com o sobrenatural e os botos que, nas narrativas locais, se metamorfoseiam em homens vestidos de branco para seduzirem mulheres durante as noites de lua cheia, desaparecendo nos rios antes do amanhecer. Essas histórias, frequentemente relatadas pelos nativos, reforçam a ligação entre cultura, natureza e imaginário, aspectos indissociáveis da vivência amazônica e do território afaense.

Silva, Borges e Oliveira (2016) registram que Piska, além de criador da Batalha, panteou o ritmo lanceada, uma mistura de carimbó e ciranda que embala o espetáculo. Ele enfatiza a importância de manter a autenticidade da cultura local, rejeitando a introdução de ritmos externos, como a Toada, proposta por alguns organizadores. Esse embate entre preservação cultural e influências externas é um dilema típico de territórios turísticos, onde a busca por atrair visitantes muitas vezes ameaça descaracterizar tradições.

Em anos anteriores, houve tentativas de incorporar temas que fugiam à realidade amazônica, como narrativas da mitologia grega, o que gerou críticas por se afastar do objetivo original do evento. Esse episódio ilustra como a disputa simbólica pelo significado do festival se conecta ao debate sobre identidade e territorialidade. Para Silva, Borges e Oliveira (2016), a essência da Batalha Camaroeira está em evidenciar os costumes, as lendas e o modo de vida afuaense, reafirmando o pertencimento da comunidade ao seu território.

No plano material, o festival transforma Afuá. As ruas estreitas, normalmente silenciosas, são tomadas por bicicletas, bicitáxis ornamentados e o vai e vem de turistas. As embarcações, vindas de diferentes partes do Pará, do Amapá e até do exterior, lotam os portos, alterando a rotina da cidade. Esse uso intensivo do território reflete uma dinâmica de territorialização temporária, na qual fluxos de pessoas, capitais e símbolos reorganizam o cotidiano, evidenciando a dialética entre o local e o global.

A hospitalidade local desempenha papel fundamental nesse processo. Diante da escassez de acomodações formais, muitas famílias alugam quartos de suas casas, criando uma rede de acolhimento que também funciona como estratégia econômica.

Festival do Camarão: Turismo, Lazer e Território Usado

O Festival do Camarão em Afuá não é apenas um evento festivo, mas uma prática que sintetiza múltiplas dimensões do uso do território. Nele se cruzam trabalho, lazer, trocas materiais e espirituais, expressando a identidade do povo afuaense em relação ao lugar.

O turismo, enquanto atividade socioeconômica, desempenha um papel crucial nessa configuração. Estudos da Organização Mundial do Turismo (OMT, 2008) mostram o crescimento contínuo da atividade, que hoje mobiliza bilhões de pessoas e impacta diretamente comunidades locais. No entanto, esse crescimento traz consigo contradições,

pois ao mesmo tempo em que gera renda e visibilidade, pode impor pressões sobre o modo de vida e a natureza.

De acordo com Barreto (2000), o turismo cultural busca valorizar bens materiais e imateriais produzidos pela sociedade. O Festival do Camarão se encaixa nessa categoria, pois celebra elementos que são constitutivos da identidade local, como a culinária à base de camarão, as danças, os ritmos e as narrativas míticas. No entanto, a inserção de temas externos, como a mitologia grega, criticada pelos organizadores e pelos moradores, denotam como o mercado turístico podem tentar moldar as tradições para torná-las mais “atrativas” a um público global.

Outro aspecto central é o lazer, essencial para compreender a festa. Como aponta Ansarah (2001), o lazer moderno surgiu após conquistas trabalhistas e passou a ser reconhecido como um direito social. No caso de Afuá, o festival se configura como um momento de lazer coletivo, no qual moradores e visitantes compartilham experiências culturais. Contudo, para os afuaenses, esse lazer está impregnado de significados que transcendem a simples diversão: ele é um ato de reafirmação identitária, de celebração da vida ribeirinha e de resistência cultural.

A percepção durante o festival é distinta para turistas e moradores. Enquanto os visitantes muitas vezes avaliam a localidade esteticamente, buscando o “exótico” e o “inusitado”, os nativos vivenciam o evento como parte de sua história e de seu cotidiano. Santos (1997) afirma que cada lugar contém, de forma singular, dimensões globais e locais que coexistem dialeticamente. Assim, compreender o lugar implica reconhecer que o mundo está presente em toda parte, o que torna insuficiente uma abordagem estritamente localista. Nesse sentido, o cotidiano vivido funciona como elo entre a ordem local – o espaço banal – e a ordem global, marcada por redes que articulam os lugares e estabelecem a distância entre o centro das decisões onde a ação efetivamente ocorre.

A bicicleta se destaca como símbolo que representa a adaptação criativa da população às condições locais e se tornaram ícones culturais, celebrados na Biciata. Conforme Evangelista (2020), essas práticas cotidianas, transformadas em espetáculo, mostram como a cultura material se ressignifica no contexto do turismo e das festividades. O aluguel de quartos, o comércio informal, a venda de produtos artesanais e gastronômicos nos traz uma economia que, embora marginalizada, é essencial para a reprodução social da comunidade.

Portanto, o Festival do Camarão se apresenta como um fenômeno complexo, no qual se entrelaçam elementos materiais e simbólicos. Ele é, simultaneamente, momento de celebração e de disputa, de afirmação identitária e de negociação com o mercado, de

tradição e de inovação. Nesse sentido, a festa é um espelho das contradições próprias do uso do território amazônico, marcado por desigualdades, resistências e reinvenções.

Considerações Finais

O Festival do Camarão emerge como um evento cultural fundamental para a comunidade de Afuá, representando não apenas uma celebração gastronômica, mas também um encontro e celebração das tradições locais. A longevidade deste festival ao longo de quatro décadas atesta sua relevância como um elemento vital na construção e preservação da identidade afuaense. Através da culinária, das competições e das performances artísticas, o Festival do Camarão não apenas fortalece os laços sociais dentro da comunidade, mas também serve como um ponto de conexão entre os moradores e o patrimônio cultural do arquipélago do Marajó. O chão, a identidade e as práticas sociais se entrelaçam. O território de Afuá é vivo, apropriado e ressignificado a partir das experiências coletivas.

A Batalha Camaroeira, introduzida há mais de uma década durante o Festival do Camarão, exemplifica a importância da preservação das tradições locais e do patrimônio imaterial da região. Este evento, que destaca os símbolos culturais únicos de Afuá, como os camarões Pavulagem e Convencido, não só proporciona entretenimento para os residentes e visitantes, mas também serve como uma forma de manter viva a rica herança cultural da comunidade.

O estudo abordou a dinâmica do modo de vida da população de Afuá, com foco na relação entre a terra, o regime das águas, o agrário-urbano e o Festival do Camarão, que completa quatro décadas em 2024. A análise revelou a importância das atividades econômicas locais, centradas na pesca, no extrativismo vegetal e na comercialização do camarão, além do papel significativo do festival na promoção do potencial turístico e econômico da região.

A análise também destacou a importância do turismo como uma alternativa para o desenvolvimento socioeconômico local, ressaltando os impactos positivos e negativos dessa atividade. O Festival do Camarão é símbolo da identidade cultural afuaense e atrai milhares de visitantes e promovendo encontros entre famílias e amigos. No entanto, existem desafios, como a preservação da autenticidade regional em meio a influências externas e conflitos sobre o conteúdo apresentado no festival. Assim, compreender o festival a partir do território usado permite perceber que sua continuidade depende da capacidade da comunidade em manter vivas as práticas culturais que lhe são próprias,

ao mesmo tempo em que negocia com as transformações impostas pelas dinâmicas do turismo e do mercado.

O Festival do Camarão não é apenas um evento festivo, mas um espaço-tempo onde se materializam as contradições e potencialidades do território afuaense, comunicando como a cultura local se reinventa e resiste diante das pressões externas, reafirmando a centralidade do território usado como categoria analítica para compreender a Amazônia contemporânea.

Referências

ANSARAH, M. R (org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: SENAC, 2001.

BARRETO, M. *Turismo e legado cultural*. Campinas: Papirus, 2000.

DIAS, R. *Festival do camarão: “30 mil espectadores”*, diz organização sobre 1ª noite. *SelesNafes*, 26 jul. 2024. Disponível em: <https://selesnafes.com/2024/07/festival-do-camarao-30-mil-espectadores-diz-organizacao-sobre-1a-noite/>. Acesso em: 8 ago. 2024.

EVANGELISTA, C. M. *A cidade encantada de Afuá (PA): um estudo do imaginário amazônico (1983-2007)*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2020.

FIGUEIREDO, S. L. *Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia*. Belém: UFPA/NAEA, 1999.

FRAGA, N. C. Território e silêncio: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In: FRAGA, N. C. (org.) *Territórios e fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas*. 2. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2017, p. 73-90.

FURTADO, É. *Vida Marajoara*. 2015/2016. @Ederfurtado. Disponível em: <https://www.instagram.com/vidamarajoara/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

ABREU, J. Procon fiscaliza embarcações do AP com destino ao Festival do Camarão. **G1**, Amapá, 28 jul. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2016/07/procon-fiscaliza-embarcacoes-do-ap-com-destino-ao-festival-do-camarao.html>. Acesso em: 17 mai. 2025.

GOMES, I. N.; CONCEIÇÃO, P. W.; SEABRA, V. S. R. *Afuá: cidade das águas - uma abordagem sociológica de suas relações sociais, políticas e culturais*. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Sociais), 2010.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2022: resultados preliminares — Afuá (PA)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 maio 2025.

MARTINS DA SILVA, M. O.; FRAGA, N. C. O ar, a terra, a água e o lugar, em Afuá, Pará: o regime das águas, da natureza, do produzir o alimento e as contradições por meio dos conflitos. In: SANTOS S. C.; LIMA R. M. B. F.; RODRIGUES S. J. D.; COSTA S. B. (org.). ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA- ENGA: DA AMAZÔNIA PARA O MUNDO: TERRITÓRIOS, DIVERSIDADES E POVO, 26., 2025, São Luís. *Anais [...]*. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 2025. p. 324-338.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Tradução: Pedrinho A. Guaresche. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

OMT - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. *Cambio climático y turismo: responder a los retos mundiales*. Davos: OMT, 2008. Disponível em: <http://sdt.unwto.org/sites/all/files/docpdf/summarydavoss.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2024.

RIBEIRO, A. F. A. As “agruras” da regularização fundiária na Amazônia legal. *Confins*, Paris, n. 66, 2025. DOI: <https://doi.org/10.4000/13lv8>.

RODRIGUES, A. B. (org.). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. 3. ed. São Paulo: Hucitec Editora. 2001.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, M. *Espace et méthode*. Paris: PubliSud, 1989.

SANTOS, M. Território e dinheiro. *Geographia*, Niterói, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1999.

SILVA, E. M.; BORGES, P. P.; OLIVEIRA, R. S. *Festival do camarão e batalha camaroeira: dois camarões na construção de uma identidade*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2016.

YÁZIGI, E. *A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

Recebido em: 08 de agosto de 2025

Aprovado em: 09 de outubro de 2025